

Calvino sobre a Trindade

W. Gary Crampton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

O Deus da Escritura, declarou o Refomador, é monoteísta e trinitariano. Ele é um em essência, todavia três em pessoas; cada pessoa é cem por cento divina (*Institutas* I:13:1-20). Nesse sentido, o Deus da Escritura é distinto de todos os ídolos (I:13:2). Calvino escreveu:

Há em Deus três *hipóstases* [pessoas]... o Pai e o Filho e o Espírito são um e único Deus, todavia de modo que Filho não é o Pai como tal; ou o Espírito, o Filho; ao contrário... são distintos entre si por determinada propriedade... Onde se faz menção simples e indefinida de Deus, esse termo cabe ao Filho e ao Espírito não menos que ao Pai. Tão logo, porém, se compara o Pai com o Filho, a propriedade específica distingue cada um do outro... Afirmo ser incomunicável tudo quanto é peculiar a cada um individualmente, porquanto não pode competir com, ou transferir-se ao Filho, o que quer que se atribui ao Pai como característica de diferenciação. [*Institutas* I:13:2, 5-6].²

Dentro da Trindade existe uma unidade perfeita, uma unidade ensinada tanto no Antigo como no Novo Testamento. Calvino cita com aprovação Gregório Nazianzeno: “Não posso pensar em um e único, sem que me veja imediatamente envolvido pelo fulgor dos três; nem posso distinguir os três, sem que me veja imediatamente voltado para um e único” (*Institutas* I:13:17).

De acordo com o Reformador de Genebra, a doutrina da Trindade, em sua unidade magnificente, é perfeitamente lógica. Em seu *Catecismo da Igreja de Genebra*, lemos:

Mestre: Visto que existe apenas um Deus, por que você aqui menciona três, o Pai, o Filho e o Espírito Santo?

Aluno: Porque na única essência de Deus, cabe a nós olhar para Deus o Pai como o princípio e origem, e a primeira causa de todas as coisas; depois para o Filho, que é a sabedoria eterna; e,

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em agosto/2007.

² Nota do tradutor: Todas as citações das *Institutas* foram retiradas da tradução do dr. Waldyr Carvalho Luz.

por último, para o Espírito Santo, como sua energia difusa sobre todas as coisas, mas ainda perpetuamente residente nele mesmo.

Mestre: Você quer dizer que não há nenhum absurdo em sustentar que essas três pessoas estão uma única Deidade, e Deus não é portanto dividido?

Aluno: Exatamente.³

Na doutrina de Calvino sobre Deus, não existe nenhum lugar para subordinacionismo (a doutrina de que existe um Deus, que é o Pai; o Filho e o Espírito são deuses menores, se é que deuses) ou modalismo (a doutrina que Deus é um em essência e um em pessoa; não existem três pessoas, mas apenas três formas diferentes de se referir a uma pessoa) dentro da Trindade. De fato, ele mantinha que essas duas falsas doutrinas eram a raiz de toda heresia (*Institutas* I:13:21-29). (A definição de um herético para Calvino é a de alguém que sustenta uma doutrina falsa e que não é ensinável [*Institutas* I:13-21-22]). Nessa seção das *Institutas*, Calvino é bem gracioso em apoiar alguns dos pais da igreja primitiva (eg, Tertuliano, Justino), que ele afirma não terem se confundido em seu Trinitarianismo. Ao mesmo tempo, ele cita corretamente a ortodoxia pura de Agostinho nesse assunto. (Deve ser lembrado que embora Calvino frequentemente apelasse aos ensinamentos de outros teólogos, ele considerava a Bíblia somente como o padrão pelo qual todo dogma deve ser testado.)

Calvino reconheceu apropriadamente uma ordem de economia, ou administração, dentro da Divindade Triúna. Nisso há uma forma de subordinação. É o Pai quem envia o Filho e o Pai e o Filho quem enviam o Espírito para executar suas tarefas específicas na redenção (*Institutas* I:13:6, 24, 26, 28). Calvino não estava feliz com a terminologia da “eterna filiação” ou “eterna geração” do Filho (e assim, por implicação, a “eterna processão” do Espírito), se estamos nos referindo à Trindade ontológica. (Ele era militantemente oposto à subordinação implícita expressa no *Credo Niceno* “gerado pelo Pai”, “da [ek] substância [ousias] do Pai.”) Essa é uma “doutrina tola”, disse Calvino; é de “reduzido proveito” e “supérfluo enfado” falar da relação ontológica do Filho com o Pai dessa maneira (*Institutas* I:13:29); é uma doutrina “detestável” (*Institutas* I:13:24). Sem dúvida, se a linguagem é usada com respeito ao relacionamento funcional do Filho para com o Pai, então é perfeitamente apropriada.

Calvino também prontamente afirmou que o termo *grado* é apropriado, se tudo o que queremos dizer é o relacionamento eterno que o Filho tem com o Pai. O Filho sempre foi o Filho (Deus é imutável); ele deriva sua Filiação do

³ Citado em Beveridge e Bonnet, II, 39.

relacionamento no qual ele permanece para com o Pai (*Institutas* I:13:7, 8, 18, 23-24). Calvino escreveu:

Ora, somos ensinados nas Escrituras que Deus, no que respeita à essência, é um só e único, e daí ser ingênita a essência tanto do Filho quanto do Espírito. Como, porém, o Pai é primeiro em ordem... com razão... é tido por princípio e fonte da Deidade em seu todo. Portanto, afirmamos que a Deidade, em acepção absoluta, existe em si mesma, do que confessamos que também o Filho, até onde é Deus, existe por si mesmo, distinguida a acepção de pessoa; mas, até onde ele é o Filho, afirmamos que procede do Pai. Conseqüentemente, sua essência carece de princípio; da pessoa [isto é, com respeito à ordem], porém, Deus mesmo é o princípio. [*Institutas* I:13:25]

Mas isso é algo totalmente diferente de atribuir derivação ontológica ao Filho.^{4 5}

Em suas *Institutas*, Calvino argumentou a favor da plena deidade do Filho (*Institutas* I:13:7-13) e do Espírito (*Institutas* I:13:14-15), bem como do Pai. Quanto ao primeiro, Calvino citou várias passagens do Antigo Testamento para apoiar a existência pré-encarnada de Jesus (*Isaiás* 9:6; *Jeremias* 23:5-6; *Juízes* 6:11-12, 20-22). E no Novo Testamento, os títulos e nomes referentes à deidade são usados de Cristo. Da mesma forma, as obras realizadas pelo Filho confirmam sua divindade (*Institutas* I:13:7-13). Além do mais, em seus comentários sobre *Romanos* 9:5, *Tito* 2:13, *Hebreus* 1:8 e *1 João* 5:20, Calvino ensinou que a Bíblia refere-se a Cristo como verdadeiro Deus.

Quanto ao Espírito Santo, sua deidade é também manifesta no Antigo Pacto, bem como no Novo. Suas obras (eg, criação) são apresentadas como aquelas de um ser divino. Da mesma forma, tanto o Antigo como o Novo Testamento revelam claramente seus labores salvíficos, sua autoria da Escritura, sua habitação dos eleitos, etc. O próprio fato que a blasfêmia contra o Espírito é um pecado imperdoável, manifesta da mesma forma sua deidade (*Institutas* I:13:14-15).

Fonte: *What Calvin Says*, W. Gary Crampton, Trinity Foundation, p. 55-9.

⁴ B. B. Warfield, com brilhantismo característico, apóia plenamente Calvino nesse ponto. Ele até mesmo alega que o Reformador é aquele que retirou a igreja de sua implícita Cristologia subordinacionista (*Biblical and Theological Studies*, 58-59).

⁵ Nota do tradutor: http://www.lgmarshall.org/Warfield/warfield_calvintrinity.html